

Nova Era

ou: como Pode o Peixe Vivo Viver fora da Água Fria? Como Poderei Viver sem a Tua Companhia?

Saskia Ossewaarde

1. Introdução

“Para um cego todas as coisas ocorrem subitamente”, escreve Marilyn Ferguson, um dos expoentes mais importantes da Nova Era (= NE), no seu livro *A Conspiração Aquariana*¹, mas não se precisa de mais de um olho para constatar que existe algo — um movimento? uma espiritualidade? um fenômeno? — chamado *New Age* (Nova Era). Não se trata de um movimento-religioso-com-um-líder-poderoso, embora muitos preferissem que fosse assim (porque então, desconfio eu, seria mais fácil combater o movimento e seus adeptos). A NE é, antes, um fenômeno, uma tendência (“*trend*”), vagamente demarcado, sem estrutura clara, sem chefia, que apresenta as idéias mais diversas. Isto confunde *outsiders* que querem informar-se sobre a NE ou que, lendo um livrinho sobre ioga ou gnose, p. ex., nunca o associam com a NE. Eles têm a sensação de que a NE está tomando conta, de maneira indefinida, impossível de captar, mas irresistível. É significativo que a pergunta que mais escuto nas comunidades seja do tipo: “A NE é perigosa?” E, para tornar a questão mais angustiante ainda, os *insiders* da NE afirmam que não há *outsiders*, que todos nós somos participantes, estando envolvidos consciente ou inconscientemente. Assim, Ferguson explica o título de seu livro: “conspiração” vem do verbo “conspirar”, que significa originalmente “respirar junto”. Quer queiramos, quer não, todos nós respiramos o mesmo ar. Este inclusivismo é típico da NE.

Entrementes, os jovens — e não só eles — continuam devorando os livros de Paulo Coelho e Lauro Trevisan, e há uma oferta crescente de palestras, seminários e cursinhos sobre ioga, bioenergia, cura espiritual e gnose. Em meados de janeiro deste ano foi promovido, em Santa Maria/RS, sob a mentoria do padre Trevisan, o primeiro congresso internacional sobre a NE, para “celebrar o nascimento da Nova Era de Aquário” (diz o folheto). O tema foi “O poder da mente”, e os organizadores do congresso prometeram repeti-lo anualmente até o ano 2000.

A NE é um tema com variações²: pode-se descobrir o fio vermelho. Tentarei articulá-lo nestas páginas e apresentar um comentário e uma avalia-

ção no final, que talvez possa ser um auxílio no processo de formular um posicionamento diante das comunidades.

2. Características da Nova Era

O próprio nome “Nova Era” vem da astrologia. Conforme os astrólogos, a cada 2.000 anos (e uns quebrados) o sol ocupa uma casa do zodíaco e depois se muda para a casa seguinte. No momento, até aproximadamente o ano 2000, o sol está na casa de Peixes. Esta é a era em que vivemos agora, e ela se caracteriza pela dominação do cristianismo: não seria por acaso, explicam os astrólogos, que um dos símbolos de Jesus Cristo é o peixe. Agora estamos às vésperas de uma NE: logo o sol vai passar para a casa de Aquário, e esta mudança zodiacal causará mudanças radicais, paradigmáticas, que afetarão o cosmo todo.

O que marcou a Era de Peixes passará, e acontecerá uma “revolução da consciência”³. Se quisermos acreditar em Marilyn Ferguson, esta revolução é necessária e inevitável: “Temos que mergulhar no desconhecido: o conhecido nos tem falhado por completo.”⁴ O que nos “tem falhado por completo” nesta Era de Peixes seria, a grosso modo, o espírito da racionalidade, das análises clínicas e frias, do objetivismo, da monopolização da linguagem verbal. Tudo isso teria como resultado “contar árvores em vez de experimentar o mato”⁵. O fruto amargo da diferenciação que marcou nossa era é a fragmentação que caracteriza nossas vidas: o médico traumatologista cura o pé quebrado, mas é inexperiente nos outros campos da medicina; o professor de Inglês não sabe o que se passa nas aulas de Artes. Nesta era, as pessoas crescem, se desenvolvem e trabalham aplicando e explorando apenas alguns dos seus dons, e deixando outros de lado. Isto causa desequilíbrios pessoais ou interpessoais ou até distúrbios.

Conforme Ferguson, há uma sede tremenda de transformações. Aquário vem matar esta sede, e a NE que virá vai trazer um espírito novo, caracterizado basicamente pelos seguintes elementos:

Holismo: O novo paradigma da NE pretende oferecer uma cosmovisão integrada. A visão holística entende que tudo, sejam pessoas, animais, plantas, objetos, estrelas e planetas, enfim, tudo está relacionado com tudo. Nada e ninguém existe ou vive só por si; antes, o cosmo é como um organismo vivo, e o bem-estar de uma parte está ligado ao bem-estar das outras e depende dele. É com um móbil: precisa-se tocar somente num dos elementos para os outros começarem a balançar junto.

Buscam-se uma integração plena e a harmonia entre todos e em todos os níveis: no nível pessoal, individual; no nível interpessoal; no nível mundial e cósmico. Visa-se a realização da união espiritual de todas as esferas da vida. Tudo que existe tem a capacidade de colaborar para concretizar este ideal, pois tudo está repleto de energias poderosas, positivas e negativas.

Espiritualização: Há uma forte tendência de espiritualização. Toda a criação é inspirada divinamente; em tudo ao seu redor e dentro dele mesmo o ser humano pode descobrir a chama divina que está presa nele, esperando ser libertada e unida às outras chamas divinas. Ele procura a experiência mística com o divino fora dele, através de contemplações de si mesmo (p. ex. através das gnose, num processo de autoconhecimento), para ativar as fontes de riqueza escondidas no seu interior. Da mesma maneira, podem-se contemplar plantas, cores, sons, cristais, etc., que, por sua vez, ocultam tesouros a serem descobertos e envolvidos no processo de (auto-)realização.

Na NE prevalece a experiência natural, intuitiva, extática que envolve corpo, alma, mente e emoções. Mesmo na ciência descobre-se a dimensão espiritual: Fritjof Capra mostrou de maneira convincente o paralelo existente entre a física moderna e o misticismo oriental

Transformação e processo: Na NE, a ênfase recai sobre a dimensão dinâmica: tudo é processo, está constantemente em transformação, sofre modificações, flui como a água do aquário. Tudo está a caminho e terá seu tempo, e é a própria caminhada que importa: “A viagem é o destino.”⁶ As coisas vêm e vão, se encontram e se afastam, dão e recebem, partem e voltam; o fluxo é contínuo. O ser humano é visto como agente no processo, ou melhor: ele é o processo. “Você é a conspiração.”⁷ Um médico, levando isto a sério, sugere que adaptemos a nossa linguagem. Em vez de dizer a um cliente: “Seu filho tem sarampo”, seria mais oportuno afirmar: “O seu garotinho parece estar sarampando.”⁸

Como o dia se reveza com a noite, assim os momentos bons se equilibram com os maus. Quando um princípio chega ao seu ponto alto, logo cederá lugar ao outro. O símbolo do yin-yang representa esta harmonia no processo contínuo de transformação.

Tempo cíclico; reencarnação: Quando expoentes da NE dizem que os adeptos talvez já tenham destruído a continuidade da história, eles se referem, pelo menos em parte, ao fato de que não se quer mais experimentar o tempo como linear. Este foi trocado pelo tempo cíclico, e esta é mais uma das mudanças paradigmáticas. Nesta visão encaixa-se a idéia da reencarnação: o ser humano vem, vai e volta, incessantemente, como tudo no cosmo se repete, renasce para viver e morrer e novamente nascer.

A NE bebe de muitas fontes de inspiração. Há de tudo um pouco: encontram-se elementos da tradição judaico-cristã mística; das grandes religiões orientais (p. ex.: do taoísmo a noção de tao, que significa “o Caminho”, o processo cósmico que envolve todas as coisas num fluxo contínuo e cíclico⁹; do hinduísmo e budismo, que indicam caminhos de autodesenvolvimento realizado em muitas reencarnações; do zen o desafio de procurar viver com naturalidade, espontaneidade e intuição, pois para os enigmas da vida não há respostas racionais); da ciência secularizada; e também do ocultismo, do esoterismo e da gnose¹⁰. Trabalha-se com temas e símbolos antigos.

Network: Os movimentos que refletem idéias da NE transcendem as

fronteiras. Estão organizados imprecisamente, numa rede de ramificações. Sempre se reconhecem novos grupos que são assimilados ao *network*. O *slogan* é: “Pense no nível global, aja no nível local.”¹¹

3. Sinais dos Novos Tempos?

Vivendo na véspera da NE, já se vislumbram sinais dos novos tempos, para quem quiser interpretar assim certas tendências. Seguem-se quatro exemplos:

Movimento ecológico: A preocupação com o meio ambiente e a crescente consciência de que a condição humana está ligada de modo incondicional à condição do planeta encaixar-se-iam perfeitamente na ótica da NE. O nosso bem-estar depende diretamente do bem-estar da Floresta Amazônica, da mãe-terra. No seu projeto “Justiça, Paz e Integridade da Criação” (JPIC) as igrejas reconhecem sua responsabilidade a este respeito.

Medicina alternativa: Na ótica holística sublinha-se a atenção ao paciente como um todo e incentiva-se o paciente a se auto-ajudar no processo de cura que lhe devolve o bem-estar físico, psíquico, social e espiritual. O curandeirismo é apontado por Ferguson como um dos sinais dos novos tempos no Brasil¹². Curas pelo poder da mente, ioga e curas espirituais são exemplos concretos de um novo paradigma de saúde, cujo adágio é “curando-nos a nós mesmos”. Nesta NE troca-se a fé no médico pela fé no eu: eu sou o agente no processo. Presupõe-se que a mente seja o fator primário ou de igual valor em todas as doenças. Nota-se isto de maneira concreta na filosofia da Seicho-no-Iê, p. ex., cujos adeptos se mostram abertamente decepcionados — para não dizer revoltados — com a medicina ocidental tradicional.

Há muitas terapias alternativas e homeopáticas que vêm ao encontro da visão holística, oferecendo tratamentos que sintonizam com o corpo e a mente sem agredi-los, sem intoxicá-los com remédios químicos, não-naturais. A meditação é considerada um dos mais importantes remédios.

Educação: O novo paradigma atribui grande importância ao contexto e não ao conteúdo. Para a educação, isto significa que o alvo não é mais prioritariamente tirar notas altas, mas criar um ambiente favorável para o processo de crescimento e desenvolvimento pessoal e grupal. Na ótica da NE, esta formação inclui tanto o nível cerebral, intelectual quanto o intuitivo, emocional. A aprendizagem é vista como uma caminhada, e não como uma caça de resultados concretos. O verdadeiro professor é um mestre que ensina através da sua sabedoria, e não através da cultura que aprendeu. Ele deve ser um companheiro, um parceiro igual, que caminha junto, pois afinal ele também continua sendo aluno, sempre. Paulo Freire com suas propostas pedagógicas cabe bem no quadro da NE.

Movimento feminista: Este é um lindo exemplo da busca de integração na NE: homens e mulheres saíram perdendo na Era de Peixes, que sufocava o envolvimento do feminino nas mulheres e nos homens.

Os ecologistas e todos os preocupados com JPIC, as pessoas feministas, os homeopatas, os curandeiros, os educadores como Paulo Freire podem ser entendidos à luz da NE e, para os conspiradores, seguramente são participantes do drama, que trazem um novo espírito.

Na nova espiritualidade, também divulgada por muitos novos movimentos religiosos (= NMRs), há uma concentração na busca da integração do microcosmo (o espírito humano) e do macrocosmo. Esta união é a base da espiritualidade da NE. O estágio último da visão holística é: a experiência total da harmonia, de paz¹³.

De fato, trata-se de uma espiritualidade bastante oriental, que tentou incorporar elementos cristãos e assimilar a pessoa e a vida de Jesus Cristo. O livro *The Aquarian Gospel of Jesus the Christ*, escrito pelo teósofo Levi (seu nome real é H. Dowling), é bastante difundido entre adeptos da NE e transmite a convicção de que toda a revelação do Jesus histórico é uma sabedoria oriental aplicada, inculturada na Palestina¹⁴. Entende o mistério da Paixão e da Páscoa como um mistério individual e interior, que pode ser experimentado por todas as pessoas; não interpreta a vida, morte e ressurreição de Cristo como evento histórico, salvífico, único. A história cíclica possibilita sempre novas ressurreições, auto-realizações.

A tendência desta espiritualidade é de *life centrism* (vida centrada) e eu-centrismo. Todo o potencial divino para realizar a harmonia total está dentro das pessoas. O indivíduo depende de si mesmo: “Eu sou a diferença no mundo.” Cada pessoa caminha pelo mundo e, de uma maneira que lhe é bem própria, se desenvolve dentro do processo cósmico. Todas estas maneiras são reconhecidas como caminhos valiosos, promissores. Não há supremacia de um sobre outro. A natureza das coisas e pessoas implica uma variedade infinita. Neste sentido, não pode haver dominação de uma religião sobre outra. Temos que permitir a riqueza da variedade. Em vez de aspirar à reconciliação de religiões ou igrejas, espera-se chegar à unificação delas. Como rios separados, elas afluirão nas “águas do oceano aquariano”, onde se difundirão: o Rio do Ichthus, o Rio do Yin-Yang, o Rio do Nirvana e tantos outros se encontrarão. Aspira-se a uma união que faça dissolver-se a unicidade.

4. Comentário e Avaliação

Muitos dos conceitos básicos da NE soam familiares aos ouvidos cristãos: harmonia, paz, amor ao próximo, tolerância, respeito pelo meio ambiente. Parece-se que estes ideais não se chocam muito com a concepção cristã. As igrejas, porém, mostram-se muito preocupadas com o fenômeno

da NE. Por quê? Podem-se detectar vários motivos para esta preocupação. Em primeiro lugar, sente-se uma *falta de informação*: membros e obreiros das comunidades estão perdidos porque falta-lhes um parâmetro para se orientar e para avaliar a NE. Assim, não conseguem amparar e acompanhar os jovens que aparentemente são atraídos pela NE ou até estão envolvidos nela. Outro motivo são os *sentimentos de culpa e de falha* que afligem as igrejas: “O que fizemos de errado, que não conseguimos cativar os membros?” Depois de obter informações sobre a NE, a preocupação vai em outra direção. Surge irritação com o inclusivismo da NE, que é uma novidade. Em geral, os novos movimentos religiosos são muito exclusivistas e exibem grande empenho missionário para conquistar novas almas. E agora vem a NE dizendo que todos já participam do processo de transformação, mesmo que de modo inconsciente ou involuntário. Esta atitude cheira a paternalismo, o que deixa os *outsiders* incomodados e até mesmo irritados. (O que é interessante, porque este inclusivismo também faz parte de certas teologias cristãs que refletem sobre o valor salvífico de outras religiões, concluindo que todos estão incluídos no plano salvífico de Deus...)

Por outro lado, vê-se na NE a *adoção de símbolos antigos*, incluindo símbolos cristãos. O mais conhecido certamente é o arco-íris, que adquiriu um novo significado na NE: simboliza a ponte entre o eu e as forças positivas presentes no macrocosmo. Entrementes esta confusão religiosa tornou-se comum; muitos NMRs assimilam símbolos conhecidos nas igrejas tradicionais. Um novo adepto de um movimento desses pensa reconhecer um símbolo e talvez seja até atraído por ele, achando-se intuitivamente “em casa”, mas aos poucos descobre que o símbolo ganhou outra conotação no seu novo contexto.

Por fim, as igrejas começaram a expressar sua insatisfação com os princípios da espiritualidade que constituem o coração da NE: há fortes objeções contra a idéia da *chama divina onipresente* que anima pessoas, animais, objetos, microcosmo e macrocosmo. Colocam-se grandes pontos de interrogação no que diz respeito à *auto-realização*, que também é chamada de realização do seu *Cristo interior*. É compreensível que as igrejas cristãs ocidentais tenham dificuldades com esta cristologia e com toda esta espiritualidade que orientaliza noções cristãs. E, de fato, não há muito lugar para o Cristo que viveu, morreu e ressuscitou *por nós*. Na concepção da NE, ninguém pode fazer algo *por* alguém. Pode, no máximo, indicar o caminho e servir de mestre. Neste ponto, que é literalmente crucial, as igrejas cristãs ocidentais divergem de modo radical da proposta da NE.

Os conspiradores ainda prevêm o *fim da supremacia do cristianismo* nos próximos dois milênios, e esta previsão assustou a muitos (seja por causa de seu recado, seja por causa da ousadia de a articular). É verdade que vemos muitos NMRs crescendo rapidamente ao nosso redor, e nos últimos anos a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) viu diminuir sensivelmente o número de seus membros, mas ninguém pode pre-

ver o futuro, e a sobrevivência da Igreja de Cristo não está nas nossas mãos, graças a Deus¹⁵.

Por enquanto, vi duas reações de luteranos que se preocupam em informar e amparar as comunidades no tocante à NE¹⁶. Ambas vão na mesma direção, que, ao meu ver, não é indicada para alcançar nosso objetivo, que consiste em informar devidamente e fornecer critérios para que os próprios membros possam avaliar e julgar¹⁷.

Fundamental me parece, em primeiro lugar, buscar boa informação, de preferência através de simpatizantes da NE. Depois, penso que deveríamos abster-nos de opinar sobre assuntos dos quais não entendemos: existem muitos tipos de medicina, e todos eles podem ser eficazes em diferentes contextos, seja a acupuntura, a medicina ocidental, tradicional ou indígena. A avaliação cristã e pastoral entra em jogo onde está envolvida a dimensão espiritual.

Em terceiro lugar, ninguém é obrigado a aceitar o inclusivismo da NE. Sempre houve surtos de expectativas renovadas quando se chegava às vésperas de um novo século, um novo milênio. Vimos que as propostas da NE não são tão novas assim, mas têm suas raízes em tempos remotos. As pessoas podem ter os mais diversos motivos para simpatizar com o movimento ecológico, p. ex. Pode ser a convicção da presença divina na natureza, como dizem os “conspiradores”, mas a preocupação de muitos é apenas a restauração do meio ambiente — como também o projeto JPIC não deixa de ser uma tentativa — mesmo tardia — de assumir a missão cristã. Não se deve jogar fora o nenê com a água da banheira.

Gostaria de formular três pontos de crítica a respeito das propostas da NE:

a) *A importância do indivíduo*: Esta é legitimada pela teoria do interrelacionamento entre o eu e o outro. Entretanto, embora em última análise seja isto o que a NE pretende alcançar (a própria NE nos diz que temos que abandonar o espírito da análise...), por enquanto sinto intuitivamente (e isto decerto fecha melhor com o espírito da NE) que os esforços pela autodescoberta e auto-realização têm um caráter extremamente. E assim corre-se o sério risco de não precisar se engajar social e politicamente, se este engajamento por acaso não sintoniza com as ambições pessoais. O ser humano é considerado onipotente, auto-suficiente e o ator principal que define sua caminhada.

b) O “*Cristo interior*”: Encontramos esta doutrina sob várias formas no espiritismo brasileiro, e não vejo ainda como conciliar esta concepção com a nossa fé cristã. A cristologia da NE é mais uma doutrina de *boddhi-sattva* (veja minha observação final).

c) O *tempo cíclico*: Tudo vai e volta, tudo tem seu tempo, a NE é inevitável... As pessoas são entendidas como agentes num processo cósmico, e não consigo me livrar da impressão de que somos praticamente condenados a sermos prisioneiros na roda que continua girando. Entendo a interven-

ção de Deus na história como salvífica justamente porque a partir daí tudo é diferente: não haverá mais caminhos fechados, mas esperança de sermos libertados, livres para agir, sob a graça de Deus. Não é o cosmo que manda e define meus passos.

Duas observações finais:

Observa-se que em muitos NMRs o agente principal é o adepto. A sua opção pelo movimento deve ser consciente, pessoal e é uma escolha feita voluntariamente (diferente, portanto, do que acontece nas nossas comunidades: os luteranos são luteranos por nascimento, encostando-se, por assim dizer, na parede da tradição). Depois, o novo adepto precisa fazer por merecer a qualidade de membro: precisa, p. ex., passar por uma conversão e é envolvido no trabalho e na missão do movimento. E o que mais chama a atenção é que a maioria dos NMRs promove caminhos de auto-salvação. Em princípio, o adepto não depende de ninguém para alcançar a graça. Numa realidade de crise, em que o povo depende da boa vontade e arbitrariedade de superiores imprevisíveis, existe a tentação de trocar a confiança nos outros, que foi traída, pela confiança em si mesmo. Quando a sociedade vira um caos, a idéia do “Eu posso contar comigo mesma” ou “Pelo menos eu tenho poderes interiores” talvez levante o moral e mobilize as pessoas que encontram muitos campos da vida desestruturados. Assim, muitos buscam seguranças e certezas interiores num mundo extremamente inseguro. Mesmo a graça de Deus pode ser encarada como seletiva e arbitrária, se pregada como estando exclusivamente dentro das igrejas, e ser trocada pela convicção da onipresença de Deus em todas as pessoas.

Deparamo-nos agora com uma inegável influência oriental que “veio sobre nós”, inquietando as igrejas cristãs. Durante 500 anos nós, cristãos europeus e americanos, “viemos sobre eles”, inquietando povos, culturas, religiões indígenas, sem sermos convidados. Custou, mas finalmente descobrimos que missão é caminhar junto, seja qual for o contexto. Esta caminhada não será fácil. Basta ler a exposição feita pela teóloga coreana Dra. Chung Hyung Kyung na Sétima Assembléia Geral do CMI em Canberra, em fevereiro de 1991:

Para mim a imagem da *Ruach* Sagrada resulta da imagem de *Kwan In*. Na religiosidade popular das mulheres da Ásia oriental, esta é venerada como deusa da compaixão e da sabedoria. Na qualidade de *bodhisattva* um ser iluminado, ela pode entrar a toda hora no nirvana conforme quiser, mas se recusa a fazer isso sozinha. Porque tem compaixão de todos os seres vivos que sofrem, ela permanece neste mundo, possibilitando que outros seres vivos alcancem iluminação. Sua sabedoria compassiva cura todas as formas de vida e as capacita a nadar até a margem do nirvana. Ela espera e espera, até que todo o universo, seres humanos, árvores, pássaros, montanhas, ar e água sejam iluminados. (...)Será que isto talvez pudesse ser também uma imagem para um Cristo feminino, para uma mulher que seja a primogênita entre nós, que ande à nossa frente e leve outros consigo?

Orientalização do cristianismo? ou inculturação do evangelho? São grandes desafios para nossas igrejas, mas aqui já entraram cenas de um próximo capítulo.

Bibliografia

- AMALADOSS, Michael. El pluralismo de las religiones y el significado de Cristo. *Selecciones de teología*, Barcelona, vol. 30, 119/1991, p. 163-175.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação; a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. 9. ed. São Paulo, Cultrix, 1983.
- CAPRA, Fritjof. *O Tao da física*. Cultrix, São Paulo, 1983.
- CHUNG, Hyung Kyung. “Komm, Heiliger Geist — erneuere die ganze Schöpfung”. *Junge Kirche*, 1991/3.
- ELIADE, Mircea. *Le mythe de l'éternel retour*. Paris, Gallimard, 1969.
- FERGUSON, Marilyn. *A conspiração aquariana; transformações pessoais e sociais nos anos 80*. 4. ed. Rio de Janeiro, Record.
- FUSS, Michael. New Age and Europe — a Challenge for Theology. *Mission Studies*, vol. VIII/2, 1991, p. 190-220.
- INTROVIGNE, Massimo. *I nuovi culti*. Milano, 1990.
- MUNNIK, René. De “nieuwe spiritualiteit”: een uitdaging. *Wereld en Zending*, uitgeverij Kok, Kampen (Holanda), 1991/, p. 65-74.
- Religieuze Bewegingen in Nederland*, vol. 18, New Age. Amsterdam, VU Uitgeverij, 1989.

Notas

- 1 Marilyn FERGUSON, *A conspiração aquariana*, p. 39.
- 2 René MUNNIK, De “nieuwe spiritualiteit”, p. 66.
- 3 *Religieuze Bewegingen*, p. 8.
- 4 Op. cit., p. 26.
- 5 *Religieuze Bewegingen*, p. 60.
- 6 Marilyn FERGUSON, op. cit., p. 102.
- 7 Ibid., p. 424.
- 8 Ibid., p. 260.
- 9 Fritjof CAPRA, p. 85.
- 10 Michael FUSS, *New Age and Europe*, p. 191.
- 11 Ibid., p. 206.
- 12 Marilyn FERGUSON, op. cit., p. 279. Infelizmente a autora não consegue superar um nível de superficialidade, e ainda prescinde de fundamentação bibliográfica.
- 13 *Religieuze Bewegingen*, p. 70.
- 14 Michael FUSS, op. cit., p. 204.
- 15 A Igreja, “o peixe”, tem sua missão dentro do mundo, dentro da “água” e é desafiada

a conviver na companhia dos outros, sem os quais ela não tem vida.

- 16 Refiro-me ao P. Walter Doerr e à Sra. Marise Frenzel. Preferiria não citar os dois, mas infelizmente as suas orientações têm boa acolhida nas comunidades.
- 17 Uma delas, o P. Doerr, descreve, p. ex., a meditação na NE como “mais do que um simples ‘relax’. Suas raízes estão no ocultismo”. Afirma ainda que o movimento da NE “empresta do movimento ecológico a proteção e divinização do meio ambiente”, e “do feminismo a desmontagem de toda a autoridade”. Segundo a outra, a Sra. Frenzel, as propostas da NE são “sedutoras, com soluções fáceis, fascinantes e até mágicas”; arrola, entre outras soluções, o “tratamento da acupuntura” e a “ecologia”.